



## **A Televisão Regional e o Caso Lindemberg: Desdobramentos do Agenda *Setting*<sup>1</sup>**

Rodrigo Gabrioti de Lima<sup>2</sup>

### **Resumo**

A repetição cotidiana de fatos que chamam a mídia para si é a principal característica da Teoria do Agenda *Setting*, eixo central deste artigo que analisa a cobertura da televisão regional em assuntos de grande repercussão nacional. Através de reportagens veiculadas na TV TEM Sorocaba, afiliada da Rede Globo no interior paulista, buscamos entender como o caso Lindemberg, ocorrido em outubro de 2008, em Santo André (SP), ocupou espaço no telejornal Tem Notícias. Subjetividade, orientação da opinião pública e espetacularização da notícia são fatores que agregam toda a imprensa na produção do sentido coletivo.

### **Palavras-chave**

Agenda *Setting*; Lindemberg; TV TEM.

A violência serviu mais uma vez de enredo para uma trama mediática. O caso Lindemberg, no ABC paulista, recebeu holofotes de todos os lados e tipos de mídia. Novamente a televisão não perdeu nenhum momento sobre o desenrolar do caso com câmeras ao vivo no entorno do prédio onde um jovem, inconformado pelo fim de um relacionamento, mantinha refém a ex-namorada e uma amiga. Emissoras chegaram a abrir boa parte de sua programação para transmitir ao vivo todos os passos de um seqüestro que durou mais de 100 horas e terminou com a morte da jovem Eloá Pimentel, principal vítima do caso.

Era como se fossem capítulos de telenovela que diariamente se desmembrava com ações tanto do seqüestrador como da Polícia. Em meio a isso, a imprensa transformando o caso em assunto da semana. E é justamente por esse foco que trilhamos o presente artigo, no qual buscamos, por meio da Teoria do Agenda *Setting* analisar os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em Divisões Temáticas de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade de Sorocaba (2004). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO). Discente do MBA Executivo em Gestão de Comunicação com o Mercado da ESAMC Sorocaba. Jornalista da TV TEM, afiliada da Rede Globo, em Sorocaba (SP). Radialista e Técnico em Publicidade. E-mail: rgabrioti@hotmail.com



desdobramentos desse caso, mais especificamente com a divulgação do mesmo pela televisão regional.

Tomaremos como base as três edições da hora do almoço e duas da noite de 18, 20 e 21 de outubro de 2008, do telejornal Tem Notícias, veiculado pela TV TEM, emissora afiliada da Rede Globo, em Sorocaba. Diante do noticiário nacional, qual é a reprodução que um canal de televisão local exerce em seu horário de programação, além dos desdobramentos que o assunto propicia com casos semelhantes, bem como com outras facetas que “ajudam a explicar” o ocorrido.

Antes de qualquer análise, retomaremos aqui o conceito de notícia. Segundo Erbolato, “não obstante a importância da notícia, no chamado *império do jornalismo*, ninguém conseguiu defini-la satisfatoriamente. Os teóricos dizem como ela *deve ser*, mas não o que *realmente é*.” (1991, p. 53).

Já para Charaudeau, “a informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo.” (2007, p. 33)

Para Muniz Sodré (2001, pp. 132-133)

Infere-se que acontecimento (ou fato) e notícia não são a mesma coisa. Do ponto de vista do *médium*(jornal, rádio, teve), o acontecimento é matéria-prima para o produto *notícia* que, por sua vez, pode constituir-se em acontecimento para o público.

Os critérios de noticiabilidade são, ao nosso ver, subjetivos. Os fatos podem ser ou não entendidos como noticiáveis. Essas escolhas estão nas mãos da linha editorial dos veículos de comunicação que definem o que entra como pauta. Por ser uma notícia de impacto que causa abalo moral, como define Erbolato (1991), o seqüestro não tem como deixar de receber a cobertura por parte da mídia. Por essas explicações, conceitua-se o *newsmaking*, teoria mais do jornalismo que da comunicação em que os fatos têm potencial noticioso segundo filtros.



Sobre esse fato destacado acima, corresponde-nos tratar aqui da repercussão do mesmo na televisão regional. E já que falamos do meio televisão, para entender melhor como funciona a comunicação de massa, de um modo geral, é bom que partamos do próprio termo que qualifica esse tipo de comunicação.

Atribuído à distribuição de comunicação com o apoio de aparatos a grupos anônimos e heterogêneos, compostos por milhões de pessoas, Thompson (1995) se reporta ao fato de que quando o desenvolvimento das indústrias da *media* se compôs, as audiências eram e permanecem relativamente pequenas e especializadas. Por isso, na opinião do autor, o termo massa não deve ser tomado apenas como quantitativo.

Segundo um *Dicionário das Ciências Sociais*, são “todos os meios de comunicação impessoais por via dos quais mensagens visuais e/ou auditivas são transmitidas diretamente a um público”. (Gerbner, 1967, p.62). A esse contexto, destacamos que os *mass media* têm como características a disponibilidade dos produtos mediáticos e o custo dos mesmos.

Essa revolução dos meios teve a contribuição significativa da Revolução Industrial, que rompeu com a esfera cultural. Segundo Gerbner (1967, p.55):

Em vez do processo milenar de infiltração e transmissão pessoa-a-pessoa de tudo quanto alcança um ser humano, temos a produção em massa e a quase simultânea introdução de informação, idéias, imagens e produtos em todos os níveis da sociedade e – ao menos potencialmente – em todas as partes habitadas do globo.

Educar, informar e divertir, funções básicas atribuídas aos meios de comunicação assim que eles foram criados permaneceu até o momento em que o panorama da industrialização provocou transformações de várias ordens, entre elas, também no campo da comunicação. Tudo se converteu ao sistema capitalista de produção. Passou-se a seguir a lógica do produzir mercadorias para colocá-las em circulação com vistas ao consumo, seguindo o objetivo do lucro, mote principal do capitalismo.

Eles passaram a funcionar numa espécie de espelho do ambiente onde atuam. Como não são contestados, impõem verticalmente, isto é, de cima para baixo o que essas pessoas vão receber de conteúdo. Nada preocupa os meios de massa por atuarem sem uma



cobrança mais crítica de quem os consome. Além disso, consolidam-se por todos os rincões, já que concessões se distribuem aos montes a determinados segmentos sociais, e a cobrança do papel ao qual se propõe o meio não é fiscalizado. Isso é bom para os donos de emissoras porque conseguem vender suas idéias e produtos. Como diz Gerbner “são os meios de comunicação de massa como orientadores da opinião pública”. (1967, p.72)

Uma abordagem sobre as funções de um meio de comunicação de massa nos faz teoricamente dizer que ao mesmo corresponderia uma obrigatoriedade de educar, em forma de transmissão cultural; informar, através de notícias; e entreter, por meio do lazer.

E já que falamos de entretenimento, uma definição do dicionário completo de Língua Portuguesa, do jornal Folha da Tarde, define o termo como distração, passatempo e divertimento. Perante isso, perguntamos: como se distrair, divertir e passar o tempo em casos como desse seqüestro em que há um sobrecarregamento das mesmas imagens aliadas ao discurso mediático que se altera nos veículos de comunicação?

Conforme Abruzzese (2006, p. 144),

É opinião corrente – embora com certa freqüência tenha causado aberrações no campo conceitual, estético, crítico, cultural, ideológico, político e profissional – que a Tv seja uma *manipulação*; um denso entrelaçamento de manipulações recíprocas entre o meio expressivo e a realidade que aí se reproduz ou que é produzida por ele, entre o público e o meio – em suma, entre a realidade e o público.

Essa manipulação, acreditamos, se dá maiormente porque em muitos casos algumas emissoras não se limitam simplesmente ao fato de reportar o ocorrido como tal. São muitos os profissionais, principalmente apresentadores de estúdio, que querem atuar como se fossem operadores do Direito. Juízos de valor são emitidos seguidamente e hipóteses não faltam como causas daquela notícia.



Ainda sobre a televisão, McLuhan (1964, p. 356) explica que “(...) como ela afeta a totalidade de nossas vidas – pessoal, social e política – seria utópico tentar uma apresentação “sistemática”, ou visual, de sua influência. (...)”. E ele ainda reforça que “o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu ‘conteúdo’ é um outro meio”. (1964, p. 38)

Dessa forma, o grau de exposição do receptor a essas abordagens mediáticas é que corresponde aos níveis de influência. Interpretamos isso como uma forma de se desprender de outros episódios que viraram notícia e não foram alvo de tanta repercussão.

Reconhecemos que fora esse seqüestro em outra localidade, senão a grande São Paulo, e a cobertura poderia até ser menor em virtude do acompanhamento do caso ter a necessidade do apoio das praças (nome que se dá para as afiliadas). Em contrapartida, o trabalho dessas afiliadas supera o campo da prestação de serviço e se torna em conquista, pois, fosse essa a realidade e haveria todo um trabalho direcionado para emplacar matérias na rede. É a tragédia alheia como fator positivo para a mídia.

### **O Agenda *Setting***

O Agenda *Setting* é, segundo França; Hohlfeldt e Martino (2002), uma perspectiva massificante dos meios sobre os indivíduos em que os temas mediáticos se transformam em conversas e debates cotidianos. Dessa forma, seu objetivo é influenciar no pensamento da massa numa proposta em que as relações interpessoais deixam de ser as geradoras de tema.

Outra forma através da qual o Agenda *Setting* pode se manifestar é pelos líderes de opinião. Dentro de grupos, eles são determinados para levar a informação fazendo com que a mesma transite por duplo fluxo entre mídia e receptor. Mas a influência dessa teoria, por parte da mídia, depende efetivamente do grau de exposição do receptor.

E é a partir de agora que analisamos como a televisão regional abre espaço para essa cobertura tão massiva na cabeça de rede à qual ela pertence. Esse período observado corresponde logo após o desfecho do caso.



Na primeira matéria exibida, totalmente produzida pela equipe de São Paulo, foi ao ar o estado de saúde da vítima. A reportagem teve 3 minutos e 4 segundos de duração e contou com entrevistas do diretor do Instituto de Criminalística de Santo André, o governador José Serra e dois médicos que cuidavam do caso. Nessa mesma edição do Tem Notícias, de 18 de outubro, foi aberto espaço – como diariamente ocorre – para a chamada que traz os destaques do Jornal Hoje, programa em rede nacional. E o principal assunto não era outro senão o fim do seqüestro, nominado praticamente por todos os veículos, de dramático.

Esse foi o único espaço aberto na programação local no primeiro dia após o fim do caso. Podemos notar que não houve nenhum desdobramento dentro da área de cobertura da emissora e que o telejornalismo segue a tendência de não se situar fora do caso por menor que seja o espaço destinado. Ao mesmo tempo, analisamos que apesar de o *Agenda Setting* estar pautando o imaginário coletivo, por que as emissoras locais precisam se dedicar a veicular matérias de São Paulo, se em meia hora, entra um telejornal em rede nacional?

Logo esse local precisa ser repensado. Observações à parte da crueldade do seqüestro, defendemos que as comunidades abrangidas pelo sinal televisivo regional, fora do eixo de onde o fato ocorreu, querem ver suas notícias e sentir a mídia focada mais próxima da sua realidade.

Mas a mídia começa a se formar também como um local que “bane” o conceito de raiz com determinado lugar. Para Muniz Sodré (2001, p. 28),

Na sociedade mediatizada, as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais.



Continuamos a análise recorrendo agora às edições de 21 de outubro. Além do caso em destaque, foram registradas ocorrências semelhantes em outros locais como Sorocaba, onde um rapaz de 22 anos matou a ex-namorada com um tiro na cabeça na frente do filho deles, de apenas 1 ano de idade. Não houve dúvidas de que o fato se transformou em notícia, sobretudo, por estar capitaneado a um assunto dos mesmos moldes. A reportagem, com duração de 1 minuto e 44 segundos, chegou a mostrar cenas do local do crime, além do depoimento do pai da vítima.

Esse episódio compôs o bloco onde foram exibidas as matérias mais atualizadas do caso Lindemberg. Numa das reportagens, foi mostrado o transporte dos órgãos doados e o destino deles para beneficiar pessoas de uma lista de espera. O que faltou à Rede Globo foi sensibilidade nessa matéria. Quem cumpriu a pauta foi o jornalista Márcio Canuto, repórter conhecido por sua irreverência. Mesmo que o foco da pauta fosse mostrar que por um gesto de solidariedade da família de Eloá, surgiu a esperança em outras famílias, essa “quebra de gelo” em uma cobertura triste ficou sensacionalista, principalmente, pelo estilo de narração do profissional.

Ainda no mesmo telejornal, todo o caso foi lembrado com a análise do perito criminal Ademir Munhoz, que é de Tietê, na região de Itapetininga ao que corresponde à geografia televisiva. Ele admitiu que houve falha da Polícia, que não estaria preparada sobretudo para lidar com situações de passionalidade. Aqui já percebemos um indício de que o Agendamento é caminho para desdobramento de pautas. A televisão regional não perdeu uma fonte capaz de analisar um caso. E é claro que essa decisão pode significar até mesmo em venda do material para a cabeça de rede, numa tentativa de contribuir na cobertura do caso.

Continuando a análise, no mesmo 20 de outubro, a reportagem da TV TEM preparou uma matéria em que a notícia para aquela edição era a prisão do assassino da jovem de Sorocaba, morta por motivos similares ao caso de Santo André.



E no último telejornal que observamos, a edição de 21 de outubro, dia do enterro da menina, que chegou inclusive a ter transmissão ao vivo das emissoras de televisão, houve a participação do secretário adjunto de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Guilherme Bueno de Camargo, que gravou entrevista exclusiva para a TV TEM. Entre outros assuntos abordados, se falou do caso do seqüestro. A matéria relembrou a história de Sorocaba, mostrou a transferência de presídio de Lindemberg e cenas do último dia do caso recuperando-se inclusive análises de áudio da explosão e dos tiros disparados no apartamento.

No processo de edição da matéria, fica claro na abertura do jornal pelas palavras do apresentador de que o foco da entrevista foi a ação do GATE e chegar a uma definição se houve ou não falha da Polícia.

Chardeau diz que (2007, p. 230) que “o gênero telejornal, sob a proposta de nos apresentar os acontecimentos que surgem no mundo referencial, nada mais faz do que nos entregar (já pronto) um mundo evenemencial constituído por ele mesmo e em parcelas”.

Situações como estas de agendamento na mídia geram também outros temas. Foi o caso do Banco de Olhos de Sorocaba, que durante um simples processo de checagem da emissora para saber se as córneas de Eloá viriam para a cidade, conseguiu espaço por ter reduzido a fila de espera por esse tecido.

Desse modo, entendemos que apesar da televisão regional abrir menos espaço para assuntos de grande agendamento nacional ou mundial, ela não se isola desses fatos que se transformam em discussões diárias. Só para elencar mais recentemente foi assim com o caso Isabela Nardoni, com os carros que de uma hora para outra passaram a trafegar na contramão de rodovias e a Lei Seca que flagrou centenas de motoristas dirigindo embriagados ao volante. Esses fatos instantâneos têm periodicidade restrita, já que um se sobrepõe ao outro.





Na realidade da televisão regional, o que percebemos algumas vezes é que matérias relacionadas a assuntos de maior destaque na mídia nem sempre são as que abrem determinadas edições, não porque haja preocupação de índices de audiência, mas sim porque esbarra na estrutura de trabalho. O processo de finalização de algumas edições se dá quando o telejornal já está no ar.

De qualquer modo, a televisão regional não se esquivava de reproduzir o agendamento mediático. Concordamos então com a idéia de Muniz Sodré que a mídia é o local de produção dos novos sentidos, contrapondo-se até mesmo com a ontologia dos fatos sociais. E nesse quadro de produção de afiliadas, nem sempre os telespectadores terão sensibilidade de mensurar o que é produzido pela cabeça de rede e pela emissora local uma vez que para ele tudo se dá na tela de uma determinada cadeia de emissora.

O *Agenda Setting* se mantém como produtor dos sentidos gerados por atores que representam as tramas mediáticas cada vez mais incentivadas por quem faz a mídia e não se preocupa com outra coisa senão a exploração de determinados fatos. Chegamos ao ponto de enterro de vítima da violência urbana ser transmitido em rede nacional. Que o fato foi trágico, não restam dúvidas, mas o papel da televisão em noticiar isso é questionável. A repetição das mesmas imagens isola um comprometimento ético, sobretudo, com quem foi vitimizado. Seria simples demais dizer que os não interessados em ser atingidos por essa massificação da indústria cultural devessem se esquivar do alcance da mídia. Mas como? Se você fecha os olhos e ouvidos para televisão, rádio, jornal e internet, de certo, vai ouvir de quem estiver mais próximo.



## **Considerações Finais**

Apesar de tratarmos de um assunto de repercussão nacional que contou com a cobertura dos grandes veículos de comunicação do país, vimos que a imprensa local não deixou de abrir espaço para o caso Lindemberg.

A televisão regional, em situações como essa, reproduz as reportagens da cabeça de rede e aproveita para pautar novas matérias que são resultado dos desdobramentos causados por um fato original. Isso é um risco para a cobertura local, abastecida por sua “matriz” que tem mais estrutura e melhor chance de acompanhamento dos casos que a própria mídia direciona para uma mobilização nacional.

Em situações de repercussão pelo Agendamento parece que a notícia perde o caráter senso de informação para se tornar entretenimento. A espetacularização é tanta que a busca pelo furo jornalístico pode comprometer a credibilidade do veículo.

Com o propósito de determinar no quê o público deve pensar, o Agendamento se reproduz seguidamente tendo como diferencial apenas novos fatos que curiosamente ocorrem de forma sucessiva em determinados períodos. Além de reproduzir material da Rede, as emissoras afiliadas acabam sempre tendo casos semelhantes àqueles que se encontram no centro das discussões. Parece que os assuntos nacionais surgem como embriões para outros casos. Se tomarmos como exemplo o caso da menina Isabela Nardoni, vimos que em dias posteriores, outras crianças chegaram a ser arremessadas pela janela. O caso Lindemberg motivou “revanche” em relacionamentos encerrados tanto que em Sorocaba um deles terminou com a morte de uma jovem. Com isso, queremos demonstrar que um certo fato destacado pela mídia transforma-se em fórmula a ser aplicada em contextos similares.

Com isso, abrem-se oportunidades às emissoras afiliadas em participar de matérias da rede. No caso Lindemberg, por exemplo, a doação de órgãos da jovem Eloá despertou entre os jornalistas da emissora de Sorocaba um processo de apuração junto ao Banco de Olhos da cidade, tido como referência nacional em captação de córneas. Não houve



nenhum procedimento nessa unidade de saúde, porém, a emissora já estava municiada para abastecer a Rede com essa informação.

Quanto a emplacar na Rede, de repente, um fato de grande repercussão em determinada área de cobertura obriga investimentos de notícia por parte da afiliada no sentido de ter sua reportagem veiculada em jornal de maior abrangência, principalmente nacional. E esse é um desejo que não se esconde nas redações.



## Referências Bibliográficas

ABRUZZESE, Alberto. **O esplendor da TV: origem e destino da linguagem audiovisual**. Studio Nobel: São Paulo, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Contexto: São Paulo, 2007.

DICIONÁRIO prático da língua portuguesa. Melhoramentos: São Paulo, 1994.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. Ática: 5. ed. São Paulo, 1991.

GERBNER, George. **Os meios de comunicação de massa e a Teoria da Comunicação Humana**. In: Teoria da Comunicação Humana. *Os meios de comunicação de massa e a Teoria da Comunicação Humana*. Cultrix, 1967.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultrix: São Paulo, 1964.

PINTO, Júlio; SERELLE, Márcio (orgs.). **Interações mediáticas**. Autêntica: Belo Horizonte, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Vozes: 4ed. Petrópolis, RJ: 1996.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: 1995.